

SCIENCIA DE DEUS

(Conclusão)

Quanto aos seres sem futuros, elles nunca são futuros a seu respeito e nunca serão passados para elle, porque não ha, como já a discurvi, nem mesmo a sombra de passado ou de futuro para elle. Elle vem vê que na ordem que pôe entre as existencias limitadas que por seus limites são successivas, umas estão adiante, outras veem depois; elle vê que uma é futura, outra presente, e outra passada, pela relação que ellas têm entre si. Mas essa ordem que elle vê entre ellas não é para elle: tudo lhe é pois igualmente presente. A palavra *presente* mesmo não exprime senão imperfectamente o que em conceito, porque a palavra presente significa uma coisa contemporanea a outra; e, nesse sentido, não ha mais presente do que passado e futuro em Deus. Mas emfim, posto que se exprima imperfectamente a permanencia absoluta pela palavra de presença continua, pode-se dizer, com o caracter que

em acabo de notar, que tudo esta sempre presente a Deus.

O futuro que elle vê nessa especie de presença é um objecto que elle acha ainda em si mesmo. Es duas razões: 1.º elle vê as coisas segundo convem a sua perfeição vel-as; 2.º elle as vê, taes como ellas são em si mesmas.

Ve-as coisas segundo convem a sua perfeição vel-as. Quando eu vejo uma coisa, vejo-a, porque ella é: e a verdade do objecto que me dá o conhecimento do proprio objecto. Como esta verdade do objecto não é por si mesma, não é por ella, mas por aquelle que a fez, que eu fique intelligente. Assim é a verdade por si mesma que reluz nesta verdade particular e communicada; e esta verdade universal, digo eu, que me illumina. Mas emfim a verdade que é meu objecto esta fora de mim e é ella que me dá o conhecimento que eu não tinha; e é certo que o que eu chamo eu, que é um ser pensante, recebe uma luz ou conhecimento do objecto.

Não se dá a mesma coisa com Deus. Como elle e

por si mesmo que é tambem intelligente por si mesmo. Ser por si, é ser infinitamente, sem nada receber de outro. Ser intelligente por si, é ser infinitamente intelligente, sem nada receber de outro. Deus tem pois a intelligencia infinita, sem poder receber coisa alguma mesmo de seu objecto: seu objecto não pode pois dar-lhe nada.

Concluiremos d'ahi que Deus não vê as coisas, porque ellas são; mas que pelo contrario ellas não são senão porque elle as vê? Não, eu não posso entrar nesse pensamento. Deus não pensa uma coisa senão quanto ella é verdadeira ou existente. Elle a vê pois porque ella é real. E' verdade que ella não é real senão por elle. Se se toma seu pensamento e sua sciencia por elle mesmo, porque com effeito, sua sciencia não é nada distruido d'elle. seria preciso confessar nesse sentido que sua sciencia é a causa dos seres que são della objectos. Mas se se considera sua sciencia sob esta idéa precisa de sciencia, e tanto quanto ella não é senão uma simples vista dos objectos intelligiveis, é preciso concluir que ella não faz

NINON DE LENCLOS

Essencia druziga, que jamis cessa de renovar-se e rejuvenesce. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atrahendo sempre os pedregos de sua verdadeira beleza que rasgavam o arido tempo, cuja foce embriagava sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda» vin-se obrigando a dizer o velho rabugento, com a rapidez de latomane dizia das nyas. Este segredo, que avelhe e coiza a juventude e enluta quem quer que fosse das pessoas que ella tocava, descobriu-o o Dr. Leclos entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Gussy-Fabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LEONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.**

Esta casa tem-n'a á disposicao das nossas elegantes, sob o nome de **HERITALE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante no pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** constam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir a verdadeira e nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as embaixas e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de Inque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrúe os freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua beleza primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com freiras exóticas.

POUCOS CABELLOS

Para se obter o cerrado empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que aju e se percam os brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e afide-os e branque-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esq. a marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Tréfle incarnat

L. T. PIVER
Parfuma de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA A JUVENTUDE e BELLEZA DO ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA E ELIXIR

PILULAS DE BLANCARD

APPROVAOAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico **resumamudo** ha ja 20 annos pelas medos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esq. a o **Carimbo official** e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as Pharmacias

P'APEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recomendados pelas summidades medicas. Preparação muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc.** 15 ANNOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as Pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Evita-se a **ALBESPEYRES** no LADO VERDE FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS

as coisas vendo-as, mas que ella as vê porque ellas estão feitas.

A razão que m'o persuade é que a idea de pensar, de conceber, de conhecer, tomada em uma inteira precisão, não encerra senão a simples percepção de um objecto já existente, sem nenhuma acção ou effi- cácia sobre elle. Quem diz simplesmente conhecimento diz uma acção que suppõe seu objecto e que o faz. E' pois outra coisa que pelo simples pensa- mento tomado nesta precisão de sua idea que Deus age sobre os objectos para tornal-os verdadeiros e reaes; e sua sciencia ou pensamento não os faz, mas os suppõe.

Como diremos nós que Deus nada recebe do objecto que elle concebe?

Pelos seguintes motivos: é que o objecto não e-

cel-os senão por si mesmo e por sua vontade. Se elle considera sua essencia, nella não achará deter- nação alguma para viver: não achará nem sequer uma simples possibilidade: achará somente que não são impossiveis ao seu poder. Assim e em seu unico poder que elle acha sua possibilidade que nada é por si mesma. E' tambem em sua vontade positiva que elle acha sua existencia; porque, para sua es- sencia, ella não encerra em si razão alguma ou causa de existir; pelo contrario ella encerra em si necessa- riamente a não existencia. Elle nella não vê pois se- não o nada, e nunca pode achar a existencia de sua creatura senão em sua propria vontade, fora da qual o proprio objecto é nada.

Assim Deus não e esclarecido como eu por objectos exteriores, elle não pode ver senão o que elle fez,

sente em toda sua força e evidencia, me servira com a continuação para descobrir muitas outras.

Acabo de considerar como Deus vê os seres pura- mente possíveis e aquelles que devem existir em al- gunha parte do tempo. Resta-me examinar de que modo conhece elle os seres que se chama futuros con- dicionaes, isto é, que devem ser, se se derem certas condições e não de outro modo. Os futuros con- dicionaes que serão absolutamente, porque a condição a que elles estão ligados devem-se dar certamente, cahem manifestamente na cathogoria dos futuros absolutos. Assim em comprehendendo sem difficuldade que, como elles se datão absolutamente, Deus vê sua futurição absoluta, se assim me fosse expimir, na vontade absoluta que formou de fazer com que se desse a condição a que estão elles ligados.



NO PASSEIO PARA A IGREJA

verdadeiro ou intelligivel senão pela vontade de Deus. Este objecto não tendo o ser por si mesmo, é por si mesmo indifferente em existir ou não existir; o que o determina a existencia é a von- tade de Deus e é esta sua unica razão de ser. Deus vê pois a verdade deste ser, sem sair de si mesmo e sem nada pedir ao exterior. Elle vê a possi- bilidade ou essencia de tudo em seus proprios graus infinitos de ser, como já o explicamos por vezes; elle vê a existencia ou a verdade actual em sua propria vontade que é a unica razão ou causa desta existencia.

E' inutil perguntar se Deus não conhece os objectos em si mesmo: elle os conhece taes como elles são. Elles não são por si mesmos; elles não são senão por elle e por consequencia não é senão por elle que elles são intelligiveis; elle não pode pois conhe-

porque tudo quanto elle não faz actualmente não é.

A intelligibilidade de meu objecto é independente de nossa intelligencia e minha intelligencia recebe deste objecto intelligivel uma nova percepção. Não se dá o mesmo com Deus: o objecto não é objecto, não é verdadeiro e intelligivel senão por elle; assim é o objecto que recebe sua intelligibilidade e a intelli- gencia infinita de Deus não pode receber d'elle nenhuma percepção. Como tudo não é verdadeiro e in- telligivel senão por elle, para ver todas as coisas como ellas são, é preciso que elle as conheça pura- mente em si mesmo e em sua unica vontade que é a unica razão dellas: porque, fora desta vontade, e por si mesmas ellas nada tem de real nem por consequen- cia de verdadeiro e intelligivel.

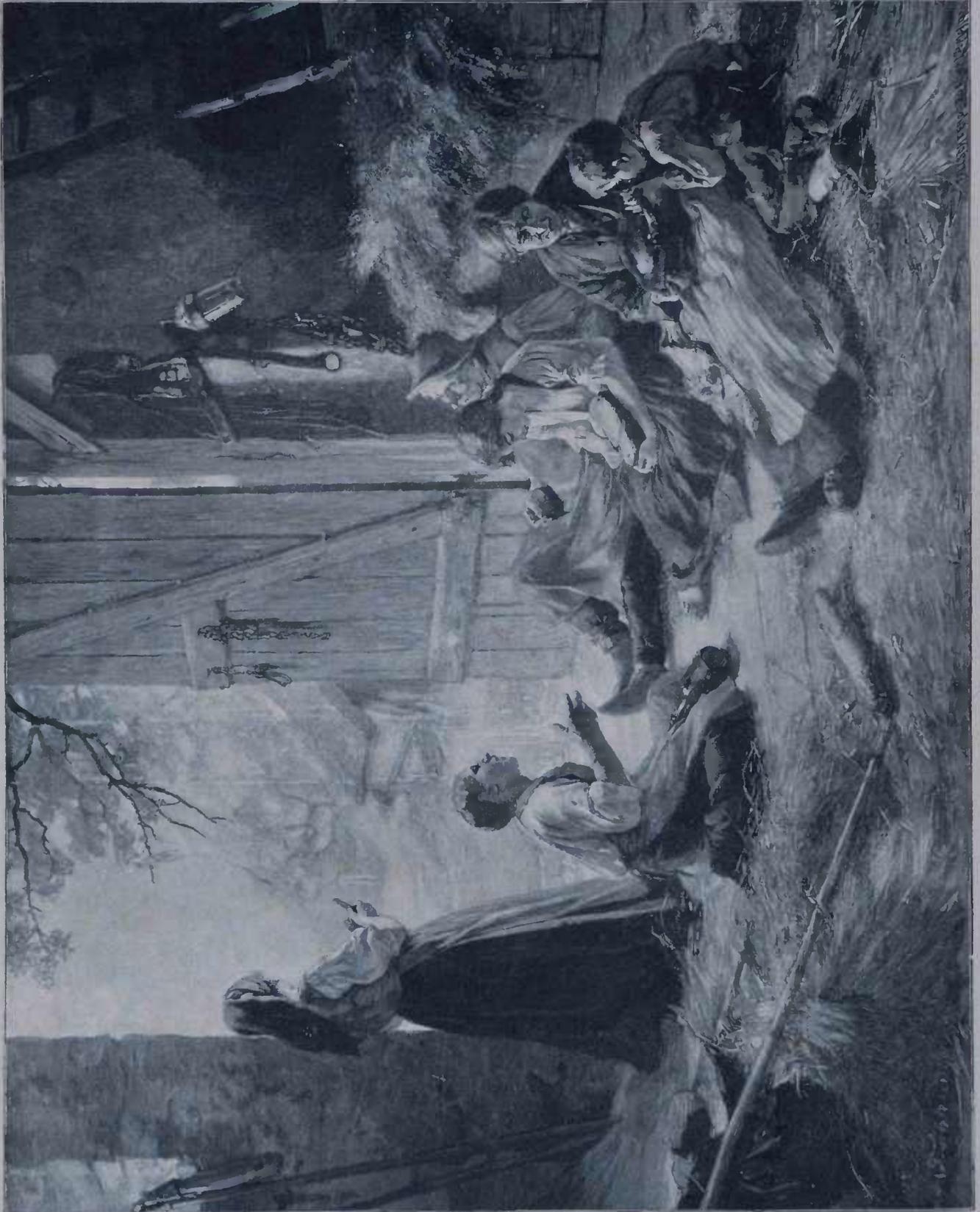
Nunca me encherrei de mais com esta verdade por- que prevejo que, se ella me estivesse sempre bem pie-

Para os futuros condicionaes cuja condição não se deve dar e que por consequencia não são absoluta- mente futuros, Deus não os vê senão na vontade que tinha de os fazer existir, supposto que se desse a con- dição de que dependiam. Assim, a seu respeito, pode- se dizer que elle não quiz nem a condição, nem o ef- feito que era a consequencia da condição: elle quiz somente ligar esta condição com este effeito, de sorte que um devia seguir-se ao outro; e em sua propria vontade que ligava esses dois acontecimentos possíveis que elle vê a futurição do segundo. Mas enfim elle não pode nada ver em sua propria vontade que faz o ser, a verdade e por consequencia a intelligibilidade de tudo quanto existe fora d'elle. Se elle não vê os seres reaes e actualmente existentes senão em sua pura vontade na qual elles existem, com mais forte razão não vê senão nesta mesma vontade os seres

condicionalmente futuros que, por falta da condição, não são absolutamente futuros e que portanto não tem nem existencia, nem realidade, nem verdade, nem intelligencia propria. Que devemos concluir de tudo isso?

de se accommodar com o que della pode tirar, depois de haver a voltado de todos os lados para ver qual o mais accessivel a sua acção. Compreendo pois que, longe de procurar baixamente a causa de suas vontades na previsão que teve dos futuros condicionaes, nos

vos pod'a enbaraçar? Vos não facéis nma coisa a outra porque prevejis o que ella deve ser senão o que sera, porque assim o quereis que o seja. Vossa escolha não bedee servilmente ao que deve acontecer: e pelo contar o esta escolha soberana, fecunda e



AO COMER O PAO DA TARDE

Que Deus não se determina a certa coisa de preferença a outra porque vê o que deve resultar da combinação dos futuros condicionaes? Seria attribuir ao ser perfeito duas grandes imperfeições: uma de ser esclarecido por sua propria obra que é seu objecto, em vez de ver em si só tudo, pois que e elle a luz e a verdade universal, a outra de depender de sua obra e

diversos planos que formou de sua obra, muito pelo contrario não é permitido procurar a causa de todas essas litições condicionaes e de previsão que elle teve del'os, senão em sua unica vontade que é a unica razão de tudo.

Não, meu Deus, vos não consultastes diversos planos a que fosteis obrigado a sujeitar-vos. Que é que

omnipotente que faz com que a coisa será o que ordenais que seja. Oh! como sois grande e como estais longe de ter necessidade de causa alguma! Vos a vontade não se medo por coisa alguma, porque ella so fez a medida de todas as coisas.

Não ha coisa alguma que seja condicionalmente ou absolutamente se vossa vontade não a chama e não a

Uma do nada absoluto. Tudo quanto quereis que seja, tem logo o ser, mas no gran preciso de ser que lhe designaes. Vos não podeis achar conveniencia alguma nas cousas, porquanto sois vos que fazeis todas: os objectos que conheceis nada importam em vós, ao passo que aquelles que eu começo a conhecer imprimem em mim e em mim fazem a percepção de alguma verdade que augmenta a minha intelligencia.

Quanto a vos, a infinita verdade, vos achais toda a verdade em vos mesmo. Os objectos creados, longe de vos dar alguma intelligencia, recebem de vos toda sua intelligibilidade e como esta intelligibilidade não esta nenão em vós, não e tambem senão em vos que a podeis ver. Vos não podeis vel os nelles, mesmos, elles nada são e o nada não e intelligivel: assim vos não podeis vel os senão em vós que sois a unica razão de existencia.

A força de serdes grande, sois de uma simplicidade que escapa a meus olhares successivos e limitados. Quando eu suppuzesse que haviaes creado mil mundos duraveis para uma serie innumeravel de seculos, seria preciso concluir que vós, tubeis visto o todo de um só golpe de vista em vossa vontade como vedes com a mesma vista todas as creaturas possives em vosso poder que e vos mesmo. E' um espanto de meu espirito que o habito de contemplar-vos não diminua. Não posso habituar-me a ver-vos, o infinito simples, acima de todas as medidas pelas quaes meu fraco espirito e sempre tentado a medir-vos. Esqueço sempre o ponto essencial de vossa grandeza; e por isso recaio no estreito circuito das cousas limitadas! Perdoae esses erros, o bondade que não sois menos infinita que todas as outras perfeições de meu Deus; perdoae os balbucios de uma lingua que não pode se abster de vos louvar e o desfallecimento de meu espirito que vos não fizestes, senão para admirar vossas perfeições.

FENELOR.

CHRONIQUETA

25 de Janeiro de 1900.

Tivemos uma greve, mas sem grandes consequencias, como alias tem sido todas as greves no Brasil. Como já estou convencido da mansuetude dos nossos habitos, pouco me inquietei quando uma bella manhã vi a cidade sem carros nem carroças, e os raros bonds, que appareciam, guardados por praças da brigada policial armadas ate os dentes.

Embora correndo o risco de ser tomado por subversor, eu, o cidadão mais pacato que o coo cobre, direi as minhas amaveis leitoras que sympathizo muito com as greves, com tanto que tenham razão, isto e, que sejam realmente um protesto e não um pretexto.

Parece entrar pelos olhos que, sem razão plausivel, não ha ninguém que deixe de ir para o trabalho ganhar com que comer e dar de comer a familia; mas o facto e que as greves não passam muitas vezes de manejos de especuladores politicos ou financeiros.

Quando representam, effectivamente um protesto contra a maldade, o egoismo, a prepotencia, a injustiça, o abuso da auctoridade, etc., são necessarias e uteis. Neste paiz, onde infelizmente o povo tudo supporta com a mesma resignação philosophica do boi caminhando para o matadouro, as greves produzem um bom effeito moral, porque são, não ha negar, um symptoma da energia de consciencia, que nos falta.

Esta vez os cocheiros tinham e não tinham razão. Uma das nossas folhas diarias publicou, a qual la lettre, um regulamento policial que exigia delles não se pesados injustos em dinheiro, como e foi esta a ligilha que excitou o incendio — a obrigação de terem os retratos na policia, como se fossem malfeteiros.

Quando o governo e a policia declararam terminantemente que o tal regulamento era uma pura fantasia, o cocheiro voltou para a holsa, e o burro, o melancolico burro, que foi o tertio canal — desta questão, metten-se resignadamente entre os varres da carroça.

Resultado da greve: Janão e chefe de policia o Dr. Brasil Silveira, que volta a dirigir o Instituto dos Cegos, onde não ha regulamentos, que produzem greves, nem barulhentos que protestem contra a sua auctoridade.

Tem agradado muito as condescencias de Eva Canel, escriptora hespanhola que ha dias e nossa hospede. Escripções illustres dizem todas as fadas, mas eu confesso que pela primeira vez ouvi pronunciar o seu nome, o que, alias, não admira, porque, agora para nos, brasileiros, não ha no mundo outros escriptores alem dos francezes.

De Eva Canel pode se dizer o mesmo que se dizia com referencia a São Thomaz: faz o que elle diz, não faças o que elle faz. Essa dama intelligente, instruida e verbosa e contra a mulher litterata, e anda pelo mundo a fazer conferencias litterarias... Em t do o caso, fal-as com talento, com brilhantismo, e sem sombras de castridade, o que lhe tem valido gentes sympathias e unanimes applausos.

Em nome da Estação, periodico de senhoras, cumprimento com muito respeito a Eva Canel.

Falleceu em Napolis Americo de Campos, o velho jornalista de S. Paulo, que alli exercia as funções de consul brasileiro. Era um homem simples e honrado, que se fingia politico e prestava, effectivamente, muitos serviços a propaganda republicana, mas só teve duas paixões: a musica e as flores. Poram essas paixões amaveis e inoffensivas a causa do seu exilio voluntario na terra das flores e da musica.

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 25 de Janeiro de 1900.

O dramalhão A mendiga de S. Sulpicio, em scena pela companhia Dias Braga no theatro Variedades, está fazendo o mesmo que fez a Bexigaosa, isto e, dando umas em cheio e outras em viço.

A peça tem os elementos necessarios para agradar a platea dos sabalhos e dumingos, e não está mal representada, principalmente pelas atrizes Adelaide Continho e Bemvinda Canelo.

A empresa Moreira Sampaio, que parece empenhada em fazer figurar no seu repertorio todas as peças de Feydean, acaba de pôr em scena, no Recreio, o Alluave de senhoras, comedia em 3 actos, que, tendo sido escripta por aquelle autor quando contava apenas 3 annos, não e, todavia, o seu peor trabalho.

Essa comedia ja tinha sido representada, ha um bom par de annos, no theatro Lucinda, mas estava inteiramente esquecida. E' engraçada e turbulenta; mas não nos parece no desempenho dos papeis se distinga outro artista alem de Olympia Montani.

Conforme noticias publicadas nas folhas diarias, a mesma peça esta agora em ensaios tanto no Recreio como no Variedades; e, na rua Pigalle, vaudeville de A. Hissou. No Variedades sera representada a peça apenas traduzida, e no Recreio uma adaptação de Orlando Teixeira, intitulada Anna dos Arcos n. 115. Decididamente os nossos empregarios não se emendam nem a mão de Denis Padre!

Continua em ensaios no Apollo, para inauguração da companhia de comedias e operetas organizada por Acacio Anunes, a burleta em 3 actos A vovoa Clark, original do nosso collega Arthur Azevedo, musica de Costa Junior.

A nova empresa funda grandes esperanças na sua peça de estreia.

N. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos: FADO PORTUGUEZ, musica de D. F. Gonzaga e letra de Esculapio, pian e canto.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAS

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Americano, pas de quatre de J. eis ... 1\$500
Ben sei que tu me desprezas com poesia, 1\$500
Horboletas, quadrilha de E. Couto ... 1\$500
Adejos, schottisch grande successo, de C. Marques ... 1\$500
Arrudos de Suiha, polka (3ª edição) de J. Cunha ... 1\$500
Cubana polka de J. G. Christo ... 1\$500
Desvaneco, valsa de A. Cavalcanti ... 1\$500
Engrossa, lundin (com letra, 2ª edição) ... 1\$500
Esanmu, valsa de C. Marques ... 1\$500
Garuda, schottich de O. Lacarda ... 1\$500
Juracy, valsa de B. Nunes ... 1\$500
Lof, pas de quatre grande de C. Marques ... 1\$500
Meus olhos como, valsa (com letra) 1ª edição de O. Carneiro ... 1\$500
Monte Christo, valsa egua de Kotlar ... 1\$500
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro ... 1\$500
Minha querida, successo) valsa de A. E. Costa ... 1\$500
Ninas toreras, valsa de A. Cavalcanti ... 1\$500
Papai, mamãe, valsa de J. Barros ... 1\$500
Sempre constante, valsa de A. Kellef ... 1\$500
Os teus olhos me se luzem (successo) valsa de Evora Filho ... 1\$500
Triste como eu ... ed. J. valsa de Evora F. ... 1\$500
Ultramontana, valsa de C. Marques ... 1\$500

Remettem se encomendas para o interior juntamente com o b. inde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

Casa Lombaerts

A mais antiga agencia de assignaturas

PARA JORNAS ESTRANGEIRAS LIVRARIA

A. Lavignasse Filho & C.

PROPRIETARIOS DO JORNAL DE MODAS

A ESTAÇÃO

que se publica a 15 e 30 de cada mez.

A Estação tem 20 annos de existencia, publica magnificos figurinos, colatides, folhas de moldes, numeros desenhos, finalmente tudo quanto se refere ao vestuario para senhoras e crianças, bem como a mil objectos de adorno das casas. O texto e tão claro tão explicito, que qualquer senhora, mesmo sem grande pratica de costura, pode utilizar os moldes, os figurinos, os desenhos, etc., realisando assim uma grande economia.

A Estação publica em todos os seus numeros um supplemento litterario, com gravuras, que se por si vale o preço da assignatura e nunca menos de quatro supplementos musicas por anno.

Nenhuma outra publicação similar dispoe dos elementos com que conta A Estação para servir as seus numerosos assignantes, cuja lista augmenta de anno para anno.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Table with columns: CAPITAL, INTERIOR, 12 mezes, 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3

7, Rua dos Ourives, 7 RIO DE JANEIRO

M. me Gazzaniga & M. lle Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Envooes para Casamentos

e todo e qualquer trabalho

concernente a sua arte

RIO DE JANEIRO

Advertisement for CRÈME SIMON featuring an image of a woman and a product jar, with text describing its benefits for skin protection and fragrance.

A casa de um dramaturgo

O comboio que me leva a Beiras é o calhambeque mais velho e ordinario da companhia. Tem um silvo agudo e penetrante, d'ebulção ascensional, que põe crises de nervos nos mais temperados cavalheiros da carruagem. Ha uma dama, ao fundo mirrada e quasi verde, que vai u'um rufio d'omoplatas sobre as taboinhas do douto do assento. E' que o comboio vai n'um tal tamborinar de mollas, n'uma vibração tão desordenada e incommoda, que não ha attitudo capaz de corrigir os resaltos do nosso desgraçado corpinho. Eu vou ha que tempos a tentar ler uma novella do tragico Dostoievski, mas não tenho meio d'acertar os olhos com a successão das linhas impressas: desisto. Pouho-me a mirar o exterior Pilhas de madeira; barcos descarregados carvão que varinas enfarruscadas trazem as fabricas, — o pé muito leve e o braço a dar que dar, — em gigas atulhadinhas, por um canhão negro e lozido d'ulhua pizada; barracões miseraveis cobertos de breu; trechos do rio, coalhalos de sol doirado. Depois um gazometro baço, estúpido, preto com um hornio, ao pé da graciosa e insinuante Torre de Belem, que vai n'uma agonia lenta soffrendo as decomposições chemicas da vizinhança.

Do outro lado um ninho de miseraveis em barracas de lona, esfarrapadas e snjas com os mil casos sensoriaes da feira, e quasi a neio um principio do monumento a Albuquerque a emergir da orla do tapume. Depois os torraões dos Jeronymos com uma linda côr de marfim no azul glorioso do ar: muros de quintaes, trazeiras de casas, predios reles e monotonos.

O rio a direita, por baixo de taludes da rocha parece adormecido: é uma planura d'agua deusa e esverdinhada, com pequenas linhas de espuma, aqui e alem, a flutuarem. Para acoila, uma grande barra de corvoas amarelladas e esbatidas com microscopicas pvoações na margem.

Agora Pedrouços e logo adiante Algés surgem, cheinhas de barracas listradas e grosseiras num grande aconchego, entre cordas estendidas de calções e roupas a enxugar, n'uma promiscuidade de cores desbotadas.

A linha é toda a beira rio. Num jardim do lado crianças de bibe e grandes chapéis de palha, acocoradas, brincam com a terra; D'afundo acaba de passar orgulhoso do seu aquario estucado, e começam logo a apparecer chalets horribes com nomes de creaturinhas christãs deixando ver pelas persianas abertas salinhas confortaveis, interiores de familia, casas de costuras onde meninas de penteador e cabellos cabidos fazem hordados que hão de espantar a burguezia da capital.

Cruz Quebrada, Gaxias... ha esta o pobre forte desmantelado!

O comboio interna-se pela terra, o rio não se avista e passam campos sem cultura, silenciosos, ao sol. Em Paço d'Arcos temos demora: ha aqui perto de vinte mennas systematicamente vestidas de saia escura, blusa clara, cinturão, palmas e véo, que levam uma eternidade a embarcar na carruagem. São tolas feias, — as vinte, louvado Deus! Feias e sardentas...

Mas ca estou, finalmente, em Santo Amaro! O comboio deixa-me tonto e ainda a trepidar sobre o apeadeiro: palpo-me e noto com alegria que, apezar do fandango de vicarias em que vin pelo canhão, ainda as tehu *in loco*. Do alto da collina que vou trepando vejo o Bugio, como um carimbo a meio da barra, muito marcada na transição rapida de um verde amarellado para o azul retinto, com açoites de espuma no entrechoar das ondas phosphorescentes.

Passada a igreja, entra-se logo na ruazinha onde mora o Lopes de Mendouça. Subo os degraus a pino da escada e encontro-me na casa de entada, que é sala de visitas, casa de jantar, gabinete de costura e bibliotheca ao mesmo tempo. Ha uma grande luz em tudo que me rodeia. Além no ponal da janella, a mais nova das filhas trabalha n'uma teuda complicada, com um montão de bilros sobre o tamborete, o resto

das peripecias da viagem. O Vasco, muito crescido e forte, está preto e brunido do sol...

Ao lado ha um nicho onde mal cabe uma pessoa e é onde o querido amigo trabalha. D'ahi saiu esta maravilha de peça que ha de ser representada na epoca que esta a porta. Venho acabar de ouvir ler. E o poeta que está disposto a aturar-me, dá-me a hora deliciosa d'esse dia, desvendando-me a sua obra, chama-se *Amor louco*, de um proverbio que diz: «Amor louco, eu por ti e tu por outro!» É a peça e isto apenas, sem sahir dos dominios do titulo, mas com uma intensidade e um brilho extraordinario. Theatral do arcaiboico ao detalhe, com uma decoração impressionante de aspectos traçicos da natureza e de interiores curiosissimos da nossa terra, com todo o original e pitoresco da meia borda de agua, a peça de Lopes de Mendouça ha de impor-se ao artista e ao publico. É uma bella obra, honesta e grandiosa, levada habilmente de acto para acto, num crescendo de dôr e de amargura até ao torturante acabamento, dado com um grande pulso de artista n'uma nota de contraste, que foi um primoroso achado. Quasi faz pena ver trabalhar assim para indolentes e cabotinos!...

Vae a leitura quasi no fim quando apparece esse bon e lyrico D. João da Canara, outro que a nossa invejosa terra não merecia!

...Repicam os sinos alegremente chamando á precisão; de longe, chegam-nos sons desafinados de trombones... E as ultimas scenas acabam de ser lidas e eu nem sei o que dizer da peça tão assombrado fico!

E então que algem se levanta a propor-nos o espectáculo comico das cavalhadas, enquanto não chega a hora da fome para o jantar. Ca fora alastra-se um arrayal, com arcos de luxo e bandeirolas sujas.

E ao passar no largo, com muito sol e muita gente, tenho tentações de chegar a ponta do cigarro á grande peça de fogo de vista que ostenta em valverdes e bichinhas o glorioso grito de «Viva Oeiras», tal e qual como o Pinturinhas fez no memoravel Passeio Publico, em certo festivo domingo de verão, mesmo ao lado do empresario Souza Bastos, que promovia a festa.

MANOEL PENTEADO.

(Do *Journal de Commerce*, de Lisboa.)

Romeu e Julieta

— Adeus!... disse uma voz ao meu ouvido...

Tudo acabou para nós dous agora!

— Adeus! adeus! minha celeste aurora!

Soluçaram meus labios num gemido...

— Sofri sem treguas por te haver seguido

Oh! noivo meu! nas illusões de outra era...

Tem piedade do mal que me devora...

Mata-me á luz do teu olhar querido!

Ah! palavras da morte!... atroz saudade

D'aquella que vou á eternidade

Levando por mortalha o meu conforto...

Dai vida ao luto das tristezas minhas,

Vinde ao meu coração... como andorinhas...

Batei as azas neste ninho morto!

LUIZ GUIMARAES (filho)

Pela sciencia

A TELEGRAPHIA

Os jornaes scientificos assignalam uma verdadeira revolução na telegraphia.

Acabase de fazer, em Budapesth, em presença do inspector dos telegraphos mandado pela administração franceza, experiências que merecem a attenção. Os Srs. Pollak e Virag combinaram um novo systema telegraphico, que possui uma velocidade de transmissão verdadeiramente excepcional: 40, 50, 80 e 90 mil

palavras por hora. É uma maravilha de rapidez e a cousa é muito simples.

Os inventores tiveram a idea de servir-se, como receptor, do telephone. O aparelho transmissor e via emissoes de correntes positivas e negativas successivamente. Essas emissoes accionam na chegada uma placa telephonica. As vibrações da placa são amplificadas por um artificio que vamos indicar e pntadas aos olhos sobre papel, so resta ler. A placa telephonica vibra depressa, como se sabe; a utilização rapida da corrente positiva e negativa faz ganhar tempo, de sorte que, finalmente, telegrapha-se precisamente tão depressa como se falla.

Tal é o principio. Examinemos summariamente os detalhes. Um despacho qualquer deve primeiramente ser traduzido em signaes como um systema Morse. Sómente, aqui, os pontos e traços do codigo Morse são transformados em V e Δ invertido.

Lêem-se tambem como se fossem pontos ou traços; e questão de uma hora de exercicio. Depois, como em outrosapparelhos telegraphicos conhecidos, uma machina perfura a tira em que estão traçados os signaes, de modo a deixal-os completamente a descoberto. A tira é levada e applicada a um cylindro gyrotorio. Duas escovas metallicas apoiam-se sobre ella, uma para os V e outra para os Δ invertidos, de modo que ha contacto entre as escovas e o rôlo metallico a cada cote dos signaes.

A corrente positiva pôde desde então passar por uma das escovas e a negativa pela outra; d'ahi essas duas correntes, cada vez que se lhes abre assim a porta, vão ter ao fio de linha. Tal é o manipulador.

Colloca-se o telegramma sobre o aparelho, o cylindro gyra e o despacho corre a linha.

A' chegada, a corrente penetra no receptor telephonico. O positivo attrahe a placa do telephone de um lado, o negativo de outro. A placa sob essa dupla influencia, oscilla e vibra. Porém essas oscillações são tão pequenas, que não poderiam ser utilizadas directamente. Fixa-se no centro uma pequena haste metajica. Se esta haste fosse cumprida, claro é que, no momento em que a placa é impellido para a frente pela corrente, sua extremidade, formando grande braço de alavanca, se deslocaria sensivelmente. Pode-se, porém, fazer cousa melhor e empregar-se o systema já usado na telegraphia sub-marina. A' pequena haste da placa prende-se um espelho minúsculo, o qual se illumina por uma lampada. O raio luminoso é reflectido pelo espelho, e o menor desvio d'esse espelho produz um grande deslocamento da extremidade do raio.

Concebe-se, por conseguinte, como a oscillação da placa telephonica determina uma orientação nova do espelho, a qual traduz-se por um deslocamento apreciavel da extremidade do raio de luz. Ora, este raio projecta-se sobre um cylindro rotativo, tendo papel photographico. A cada oscillação da placa o pincel luminoso marca sobre o cylindro gyrotorio uma curva em V ou Δ invertido correspondente ao signal transmittido, positivo ou negativo. Resta unicamente revelar o papel photographico e lêr os signaes e as palavras.

Por este systema transmittir-se-ão a 1000 kilometros de distancia, por meio de dous fios de bronze de alta conductibilidade, 80,000 palavras em uma hora. Em 25 minutos conseguiu-se transmittir o conteúdo de 10 paginas de jornaes, representando 40,000 palavras. Com o apparelho Hughes actual, um telegraphista bastante pratico tern gasto n'esse trabalho 30 horas; e no telegrapho Morse mais de 3 dias e 5 noite de trabalho continuo. Obtem-se, pois, com a combinação dos srs. Pollak e Virag velocidades até hoje desconhecidas.

Este invento, que opera uma revolução radical em telegraphia, não deixa de ser accusado de ter ás suas desvantagens, entre os quaes avulta a da multiplicidade das operações que soffre o telegramma, desde a sua expedição até ser recebido pelo destinatario, e de ser rapido demais para ás necessidades do tempo, bastando hoje para attender a todas as exigencias de presteza o telegrapho geralmente empregado, de Baudet, que dá os telegrammas impressos em caracteres typographicos.

Em todo caso, esse invento é bastante enhehoso e occupa um logar saliente entre as invenções originaes de nosso tempo.

A CONFESSADA

G. CRESPO

Estava ainda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
E os olhos baixos, e um sorriso modesto
De seus lábios na curva immaculada!

O urso e a carriça

O lobo andavam um bello dia de braço
Ar pelo bosque. Nisto ouviram o canto
Do rei lobo, disse o urso, — quem é que
bem?
das aves, — respondeu o lobo: — é pre-
mental-o.
Carriça que estava cantando.
caso, — disse o urso, — S. Magestade deve
palacio, diz-me onde e. — Não é tão facil
o lobo: devemos esperar pela rainha,
do passelo
acabava de fallar, appareceram a rainha
ido que vinham com uns bichinhos no
filhos. O urso ia para os seguir quando o
agarrou n'uma perna e lhe disse,
mos que elles saiam!

— Não comemos nem um só bocadinho do que
vocemecês nos trazem em quanto o urso não for cas-
tado.
isso não tardará respondeu
até a toca do urso, gritou:
porque é que fostes insultar
alhir-te cara a brincadeira,
guerra: esta declarada en-
e chamou em seu soccorro o
vallo, o veado, o cabrito e
todos os quadrupedes.
A carriça reuniu tudo o que via, não só as aves
pequenas e grandes, como os insectos com asas, taes
como abelhas, zangões, moscas e mosquitos.
Na vespera da grande batalha, a carriça enviou
espiões para saber quem era o general do exercito in-
migo. O mosquito era o mais esperto de todos, voou
até ao bosque onde os inimigos se reuniam, escond-
deu-se debaixo de uma folha, e ouviu o urso dizer
assim:
— Comadre raposa tens fama de esperta e de la-
dina serás tu o general.

— Com muito gosto respondeu a raposa—mas
qual será o signal por onde nos havemos de gular?
Como o urso não lhe respondeu, nem nenhum dos
outros a raposa fallou assim:
— Ora ouçam cá: tenho a cauda, como sabem,
muito grande e felpuda; muito bem, enquanto eu a
conservar no ar, vocês caminham para a frente, e si-
gnal de que as cousas vão correndo razoavelmente,
mas se eu a abaixar, isso indica que a historia não
cheira bem e então pernas para vos quero, e tratar de
cada um se por ao fresco!

O mosquito foi o que quiz ouvir. D'ahi a pouco a
carriça sabia tudo.
Apenas rompeu a aurora, todos os bichos, o burro
o boi, o cabrito e os outros todos correram para o
campo da batalha, e iam tão depressa que a terra toda
tremia
A carriça appareceu tambem nos ares voando com
o seu exercito que zumbia, que mettia medo.
Quando os dous exercitos se avistaram, a carriça
disse ao moscardo:
Compadre moscardo, pousa na cauda da raposa
e espeta-lhe o ferrão com toda a força...
O moscardo assim o fez. A primeira ferroadada a
raposa estremeceu, mas não abaixou a cauda; a se-
gunda abaixou um pouquinho, a terceira não pôde
mais, metteu a entre as pernas e desatou a fugir, a
gemer, e a gritar com dores.
Os animaes assim que viram general fugir, larga-
ram tambem a correr sem haver quem possesse ter
mãos n'elles! Quem ganhou a batalha foi pois a car-
riça e o seu exercito.
O rei e a rainha das aves voaram logo para o ni-
nho e gritavam de longe para os filhinhos:
— Vencemos, vencemos; toca a beber e a comer
com alegria!
— Não senhor, não comemos nem bebemos em quan-
to o urso não vier pedir nos perdão do que nos disse.
A carriça foi ter com o urso, e disse:
Sabes que mais, velho resmungão? tens de vir
commigo, pedir desculpas a meus filhos do que lhe
disseste. Se não vens e já, depois não te queixes!
O urso foi muito humilde, pedir desculpa aos fi-
lhos da carriça, que deram n'esse dia um grande ban-
quete a todas as aves.
Os passarinhos apezar de pequenos venceram
animaes muito maiores que elles; ninguém deve abu-
sar de seu tamanho, nem de sua força.

GONÇALVES CRESPO.

O VIZIR

Não derribes meus cedros, murmurava
o genio da floresta, apparecendo
adeante d'un vizir, — não eu juro
punir-te cegamente. E no entanto,
o vizir derribou a santa selva.
Alguns annos depois, foi condemnado
ao cutello do Algor. Quando encostava
a cabeça febril no duro sepo,
recuou, aterrado: Eternos deuses,
Este sepo é de cedro. E sobre a terra
a cabeça rolou, banhada em sangue.

FAGUNDES VARELLA.

Mozaico

Nota de um philosopho: Se fosse feita uma esta-
tistica exacta, estou certo que resultaria que os bailes
matam muita mais gente que as balas.
A mulher de Matreino é doida por animaes
Certa occasião, de volta de uma estação balnear,
perguntou á creada, assim que chegou á casa:
— Não esqueceste de dar de comor a os bichinhos
durante a minha ausencia?

— So um dia, ao gato. Mas elle comen o papagaio,
e os canarios!
No confissionario:
— Accuso-me, sr. padre, de pintar o rosto.
— Mas com que fim faz isso, minha filha?
E' para parecer mais formosa.
Poz os olhos o confessor, olhou-a com attenção e,
vendo que era a mais feia creatura do mundo, disse-
lhe com tola a ingenuidade.
— Pois continu, filha, continue, que esta ainda muito
longe do que desejas.
Num consultorio:
— O doutor lá na minha terra disse que isto era
molestia de pelle.
— Sim, é na pelle.
— E disse tambem que eu devia fazer uso das aguas
— Das aguas, e certo.
— Mas que aguas sea doutor?
— Qualquer, contanto que esfregue bastante sabão

Conselhos a um menino

Não ha nenhuma profissão em que não haja fla-
gello, não ha nenhum operario que não tenha o seu
perigo mortal. Não te fallo só dos vidreiros cujos
olhos podem ser queimados pelo fogo das fornalhas;
dos telhadores que podem ser precipitados de cima
dos telhados; dos pedreiros que podem ser esmagados
debaixo de uma pedra; dos cavouqueiros, que podem
ser mutilados por una explosão; dos mineiros que po-
dem perecer em um desmoronamento; dos carpinte-
ros, que podem ser esmagado por um andaime. Não
te fallo dos mil ferimentos que todo o dia produz o
manejo desses temiveis utensilios, causa de mil mo-
lestias, de fadiga e de privações que traz o excesso
d'esses rudes trabalhos...
Não!... não nos occupamos senão dessas prohi-
ções pacificas em cujos utilissimos productos tocamos
a cada instante... Estás vendo a esta janella esse
lindo panno da Persia?... Os operarios que o fabri-
cam estão sempre sob a influencia de um terrivel mal,
a tísica. Os que trabalham em papeis pintados são
ameaçados de envenenamento pelo arsenico; os pia-
tores de casas, de envenenamento pelo chumbo; os
fabricantes de espelhos, de envenenamento pelo mer-
curio; os que trabalham em crystaes morrem quasi
sempre de molestias pulmonares; os fabricantes de
pregos dourados, paralyticos; as mulheres empregadas
no enovelamento dos casulos de seda vêm seus dedos
crivados de ulceras; os que trabalham no fabrico de
phosphoros perdem muitas vezes as gengivas e os
dentes aos pedaços; emfim, os artistas que o emprego
das machinas parece furtar a acção das substancias
maleficas acham um inimigo mais terrivel nas suas
propias machinas; seus corpos machucados, seus
membros esmagados por essas terribes rodas, au-
gmeutam o sanguinolento capitulo ao martyriologio
dos homens do trabalho. Portanto, bem vés, esse bem
estar que te cerca é feito de dores, essa elegancia
bem simples que te encanta é feita de miserias!...
Pensa sempre sobre isso, para te lembrares de
todo o que te impõe o teu titulo de privilegiado. Não
te deites nunca sobre o teu leito sem te lembrares
d'aquelles que fabricaram e que talvez a essa hora não
tenham um para repouso; não te agasalhes nunca
com esses finos tecidos sem lembrares que talvez suf-
fram frio os que fabricaram; emfim, povôa o teu pe-
queno quarto de todos os amigos desconhecidos que
prepararam um retiro para o teu trabalho, um abrigo
para os teus prazeres; pensa algumas vezes
em teu pai que tanto tem pensado em ti, e de-te
esse recito una eterna lição de piedade, de gratidão
e ternura.

MOLDES CORTADOS TAMANHO NATURAL

N. 23—Sala moderna..... 1\$000
Pelo correio mais 300.